

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ELENE SLAMA IMBASSAHY

SUICÍDIO NA LITERATURA JAPONESA: obras autobiográficas no Japão Imperial

RIO DE JANEIRO

2023

ELENE SLAMA IMBASSAHY

SUICÍDIO NA LITERATURA JAPONESA: obras autobiográficas no Japão Imperial

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras: Português/Japonês, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Professora Doutora Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira

Coorientador: Professor Doutor Diogo César Porto da Silva

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

I32s Imbassahy, Elene Slama Suicídio na
literatura japonesa: Obras autobiográficas no
Japão Imperial / Elene Slama Imbassahy. -- Rio
de Janeiro, 2023.
45 f.

Orientador: Maria Fernanda Alvito Pereira de
Souza Oliveira.

Coorientador: Diogo César Porto da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português
Japonês, 2023.

1. Suicídio. 2. Literatura Japonesa. I. Oliveira,
Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza, orient. II.
Silva, Diogo César Porto da, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

ELENE SLAMA IMBASSAHY

SUICÍDIO NA LITERATURA JAPONESA: obras autobiográficas no Japão Imperial

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau
de Licenciado em Letras: Português/Japonês,
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

APROVADA EM: 16/01/2023

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernanda A.P.S. Oliveira

Profa. Dra. MARIA FERNANDA ALVITO PEREIRA DE SOUZA OLIVEIRA Orientadora – UFRJ

Diogo César Porto da Silva

Prof. Dr. DIOGO CÉSAR PORTO DA SILVA Coorientador – UFRJ

Mônica Houri

Profa. Dra. MÔNICA DE SOUZA HOURI Examinadora – UFRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Katia e Eduardo, pelo apoio incondicional, por estarem sempre presentes e pelas palavras de incentivo.

Também agradeço aos meus amigos Peter e Mariana pela compreensão com a minha ausência durante este período, pela torcida e pelo apoio emocional.

Agradeço também ao meu noivo Lucas por ouvir meus desabaços e inseguranças diariamente, por me incentivar a escrever mesmo nos nossos dias de folga, e por todo carinho e dedicação em todos os momentos.

Agradeço à minha orientadora Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira, que também foi minha professora de Prática de Ensino, por ter me orientado com muita empatia e compreensão na realização deste trabalho.

Agradeço ao meu coorientador Diogo César Porto da Silva por me guiar na realização deste trabalho. Seus comentários precisos e enriquecedores tornaram minha escrita muito mais profunda. Também aprofundaram muito meu conhecimento sobre escrita de textos acadêmicos, que me pareciam assustadores de início.

RESUMO

IMBASSAHY, Elene Slama. “Suicídio na literatura japonesa: obras autobiográficas no Japão Imperial”. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Graduação em licenciatura em Letras Português-Japonês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O suicídio representado na literatura japonesa sofreu mudanças juntamente com a cultura ao longo dos anos. Este trabalho analisa três importantes autores do período do Japão Imperial: Osamu Dazai, Ryūnosuke Akutagawa e Yukio Mishima, que escreveram romances com características autobiográficas e se mataram na vida real. Em suas obras, eles falam sobre suas experiências com os pensamentos suicidas, e até mesmo tentativas falhas. Para entender melhor estas obras, também é analisado o contexto em que estes autores se inserem, que foi o período de modernização do Japão através das influências ocidentais. Este período abarca desde a Restauração Meiji, em 1868, quando o poder é restaurado ao imperador do Japão e ocorre o crescimento econômico do país, até o período Shōwa (1926-1989), que também inclui a participação do Japão durante a Segunda Guerra Mundial. O aporte teórico do sociólogo Émile Durkheim é utilizado para aprofundar a reflexão sobre o suicídio como um fato social, e sobre como é possível entender a influência da modernização do Japão nas formas de suicídio representadas na literatura.

Palavras-chave: suicídio. literatura japonesa. Japão Imperial. Durkheim.

ABSTRACT

IMBASSAHY, Elene Slama. “Suicídio na literatura japonesa: obras autobiográficas no Japão Imperial”. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Graduação em licenciatura em Letras Português-Japonês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Suicide depicted in Japanese literature has changed along with culture over the years. This term paper analyzes three important authors of Imperial Japan period: Osamu Dazai, Ryūnosuke Akutagawa and Yukio Mishima, who wrote novels with autobiographical characteristics and killed themselves in real life. In their works, they talk about their experiences with suicidal thoughts, and even failed attempts. To better understand these works, the context in which these authors are inserted is also analyzed, which was the period of modernization in Japan through Western influences. This period spans from the Meiji Restoration in 1868, when power is restored to the Emperor of Japan and the country's economic growth takes place, to the Shōwa period (1926-1989), which also includes Japan's participation during World War II. Sociologist Émile Durkheim's theoretical contribution is used to deepen reflection on suicide as a social fact, and on how it is possible to understand the influence of Japan's modernization on the forms of suicide described in literature.

Keywords: suicide. japanese literature. Imperial Japan. Durkheim.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	9
2.1 Suicídio na história do Japão	9
2.2 Seppuku	10
2.3 Shinjū	13
2.4 Restauração Meiji e Japão imperial	15
3 OSAMU DAZAI (1909-1948)	19
3.1 Sobre o autor	19
3.2 A obra: Ningen Shikkaku	21
4 RYŪNOSUKE AKUTAGAWA (1892-1927)	27
4.1 Sobre o autor	27
4.2 A Obra: A vida de um idiota e Engrenagens	30
5 YUKIO MISHIMA (1925-1970)	34
5.1 Sobre o autor	34
5.2 A obra: Confissões de uma máscara	37
6 CONCLUSÃO	41
7 REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o Japão é um dos países com maior taxa de suicídios do mundo. Isto se deve às grandes pressões sociais exercidas pela sociedade japonesa, assim como um passado peculiar, com formas de suicídio como o *seppuku* e o *shinjū*, além dos pilotos *kamikaze*.

Na literatura japonesa, o suicídio foi explorado de diversas formas, começando pelo conceito de *shinjū*, também conhecido como duplo suicídio, onde amantes ou familiares se matavam juntos de forma dramática.

Na história da literatura japonesa, houve alguns autores que, além de escreverem sobre suicídio em suas obras, se mataram na vida real. Algumas de suas obras possuíam caráter autobiográfico, misturando ficção com realidade e mostrando um pouco do que o suicídio representava pra eles, assim como o que os motivou a cometê-lo.

Dentre esses autores, três se destacaram e são muito estudados até hoje, com obras traduzidas para o português brasileiro. Foram eles: Osamu Dazai, que se matou junto a sua esposa da época; Ryūnosuke Akutagawa, que se matou com uma overdose do remédio Veronal; e Yukio Mishima, que cometeu o ritual do *seppuku*, cortando a própria barriga em um protesto.

Analisando as histórias destes três autores e as representações de suicídio em seus romances autobiográficos, é possível observar de que forma o suicídio é representado na literatura japonesa no período do Japão Imperial, época em que eles estavam inseridos, levando em conta os aspectos culturais japoneses, e também os aspectos pessoais de cada um destes autores.

O sociólogo Émile Durkheim considerava o suicídio como um fato social, ou seja, cada sociedade tem um comportamento estabelecido em relação ao suicídio, não sendo este causado por fatores genéticos e hereditários. Através da análise da sociedade japonesa e das representações literárias do suicídio na época do Japão Imperial, busca-se encontrar as razões norteadoras para o ato suicida nesta sociedade, assim como o que ele representa.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 Suicídio na história do Japão

Para entender o suicídio na literatura japonesa, primeiro é importante entender a importância cultural do suicídio no país. O Japão é um dos países com a maior taxa de suicídio do mundo. O índice era de 18,5 suicídios para cada 100 mil habitantes no ano de 2014, taxa muito superior a outros países ricos, como Reino Unido e Estados Unidos.

Em parte, o suicídio dos japoneses pode ser atribuído a dificuldades financeiras, pois este aumentou muito após a crise asiática de 1998. Além disso, a sociedade japonesa é extremamente rigorosa com regras e padrões, onde a individualidade é deixada para segundo plano. Sendo assim, não ter um emprego ou atrasar os estudos pode causar muito estresse para um jovem japonês. O sistema de saúde para doenças mentais também não é bem integrado, não havendo união entre o trabalho dos psiquiatras e dos psicólogos. (BBC NEWS BRASIL, 2015)

De outro lado, o suicídio no Japão pode ser considerado uma tradição cultural, pois há toda uma história de romantização do suicídio no país. Práticas peculiares de suicídio foram amplamente difundidas ao longo de sua história, como o *shinjū* (心中), o duplo suicídio de amantes, o *seppuku* (切腹), ritual de suicídio dos guerreiros japoneses para manter sua honra, ou até mesmo os pilotos *kamikaze*, que se sacrificavam em prol do país na Segunda Guerra Mundial. Para entender sobre cada uma dessas práticas, é necessário revisitar a história do Japão.

Vale ressaltar que os japoneses não tiveram origens cristãs. Logo, o suicídio não era visto como pecado, e muitas vezes acreditava-se que ele poderia ser uma forma de assumir responsabilidade por algo, de manter a honra, ou de ir para um lugar melhor junto de alguém.

Para analisar as diferentes motivações e representações do suicídio na cultura japonesa, será utilizada a teoria do suicídio do sociólogo Émile Durkheim, descrita no livro *O Suicídio*. Ainda que seja uma teoria ocidental, ela busca explicar o fenômeno do suicídio em diferentes sociedades.

Segundo Durkheim, há quatro tipos de suicídio: o suicídio egoísta, o altruísta, o anômico e o fatalista. O suicídio egoísta é aquele em que o individualismo sobrepõe o interesse social. As relações entre a pessoa e a sociedade se enfraquecem, de forma que o indivíduo perca a

vontade e o sentido para viver. O suicídio altruísta é aquele focado em um elemento exterior ao próprio indivíduo, no qual ele se sente no dever de cometê-lo.

O suicídio anômico, por sua vez, é aquele gerado por situações sociais fora da normalidade, onde não há regras, apenas o caos, como por exemplo em casos de crise econômica. Já o suicídio fatalista é aquele gerado por uma sociedade coercitiva, de regulação excessiva, da qual o indivíduo quer se livrar. Para o sociólogo, as causas dos diferentes tipos de suicídio são sempre sociais, pois cada sociedade possui uma atitude definida em relação ao suicídio.

2.2 Seppuku

Uma das mais peculiares formas de suicídio na história do Japão foi o *seppuku*, popularmente conhecido como *harakiri*¹. Utilizando os termos *hara* (“barriga”) e *kiri* (“corte”), a palavra designa a ideia de “corte na barriga”. Os samurais cortavam a própria barriga em um ritual honroso.

Os samurais surgiram como guerreiros da elite aristocrática japonesa que serviam aos nobres. No entanto, após o período Heian (794-1185), consolidaram-se como uma classe social militarizada que dominava politicamente o Japão. Eles eram os únicos que podiam portar armas legalmente e possuíam grande prestígio social.

Dentro da casta samurai, os *Daimyō* se destacavam por serem grandes proprietários de terras que governavam uma parte do país. Os *Shōgun*, título concedido pelo imperador ao general do exército, também eram samurais. Estes guerreiros constituíram uma figura muito importante na cultura japonesa, sendo muitas vezes representados em obras nacionais e internacionais como um símbolo de heroísmo e coragem.

Os samurais seguiam um código de conduta baseado em preceitos neo-confucionistas, que posteriormente foi chamado na literatura de *Bushido*. Este código não era escrito, e sim

¹ *Seppuku* (切腹) e *harakiri* (腹切) são escritos com os mesmos kanjis (ideogramas), porém em ordens diferentes. 切 significa corte, e 腹 significa barriga. *Seppuku* usa a leitura chinesa dos kanjis, enquanto *Harakiri* utiliza a leitura japonesa deles. A leitura chinesa era adotada nos documentos oficiais, sendo *seppuku* então o termo usado por escrito, carregado com um significado mais formal e ritualístico. *Harakiri* era a palavra usada oralmente, dando a impressão de ser um termo de uso vulgar para o ato.

difundido oralmente entre seus praticantes, consolidando-se como um costume da cultura militar japonesa. Muitos valores eram priorizados entre a classe guerreira, entre eles a lealdade, a honra, e o auto sacrifício. Também era cobrado deles uma morte com honra, de forma a não manchar suas reputações, a de suas famílias e a de seus senhores. Neste contexto, o suicídio não era apenas aceito, como também era muitas vezes cobrado.

O ato suicida era visto com admiração. Na cultura ocidental, há uma supervalorização dos heróis de guerra, enquanto aos derrotados são atribuídas características de fraqueza. Já no Japão, as vítimas eram enaltecidas pela bravura que representaram até o fim, e pela morte gloriosa. O fracasso apenas era vergonhoso para os guerreiros que voltassem vivos, o que dá uma ideia de que a morte era mais honrosa do que a própria vida.

Um exemplo disso na literatura japonesa se encontra na peça teatral *Chūshingura*, que foi adaptada para o filme *47 rōnins*. A peça conta a história de 47 samurais que perderam seu mestre, que havia sido obrigado a cometer *seppuku* por ter agredido um alto funcionário judicial, Kira Yoshinaga. Os samurais então elaboraram um plano para matar Kira e vingar seu senhor, numa demonstração de lealdade. Após o sucesso do plano, eles se entregaram e foram condenados a cometer *seppuku*, acompanhando seu mestre na morte após vingá-lo. Suas mortes, através do ritual do suicídio, são elevadas e honrosas.

O *seppuku* era, acima de tudo, uma demonstração de servidão, seja ao mestre, ou à família, pois estava sempre relacionado a estas estruturas hierárquicas². A palavra *samurai* (侍) utiliza o ideograma de servidão, e traduzida literalmente para o português, significa “aquele que serve”. Logo, a servidão era levada ao extremo, no qual até mesmo a própria vida do guerreiro poderia ser utilizada para preservar a imagem do senhor ou da família.

A prática do *seppuku* era realizada por inúmeros motivos diferentes. Alguns eram voluntários, enquanto outros eram ordenados. No caso da prática voluntária, os motivos variavam entre: derrota em batalha, assumir responsabilidade pelos erros, salvar um grupo, protestar contra a conduta de um lorde, provar a inocência de alguém e seguir o lorde após a

² Durante o período Edo (1603-1868), a sociedade era dividida em 4 principais grupos: os samurais, os agricultores, os artesãos e os comerciantes. Esse sistema é chamado de Shinoukoushou (士農工商), onde cada ideograma é referente a um desses grupos, respectivamente. Havia uma forte pirâmide hierárquica entre estes grupos, onde os samurais estavam no topo, e os comerciantes na base, e a ascensão dentro dela era muito difícil.

morte³. Já no caso da prática comandada, os motivos eram: não cumprir determinadas metas, assumir responsabilidade legal e moral por alguém, punição por algum crime⁴.

Esta prática de suicídio não ocorria por interesses individuais, fazia parte do papel social dos samurais. Apesar de serem diversos os motivos para a prática do *seppuku*, estes estavam sempre relacionados à servidão ao mestre, ao povo, ao país e à honra. O samurai não se abate por interesses e angústias pessoais e o seu suicídio não está relacionado à falta da vontade de viver. Acreditava-se em manter o nome da família, que valia mais do que o nome individual do samurai, logo, segundo a classificação de Durkheim (2000), seu suicídio pode ser considerado altruísta e com interesses voltados para o coletivo.

Apesar de serem uma figura muito romantizada, nem todo samurai era benevolente e agia de acordo com a moral estabelecida na época. Também existiam samurais que cometiam suicídio por razões individualistas, por se sentirem desprendidos da sociedade. Assim como também pode-se dizer que agir de acordo com o código de conduta dos samurais era uma das coisas que os destacava das demais castas da sociedade, então poderia haver algum interesse em preservar a própria classe na conservação do ritual do *seppuku*.

No entanto, o principal fim deste tipo de suicídio era a preservação da honra, e os benefícios não recaíam apenas sobre o indivíduo que o praticou, como também seu mestre, sua família, e o feudo ao qual ele pertencia. Além disso, o *seppuku* era algo esperado do samurai pela sociedade, o que gerava uma coerção para que ele o realizasse em conformidade com as regras vigentes.

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 2007, p. 13)

Durkheim avalia o suicídio como um fato social, e este é analisado pelo conjunto de atitudes em uma sociedade, sem levar em conta casos isolados. É possível dizer então que, num contexto geral, as expectativas em relação ao ritual do *seppuku* e o princípio social que o norteava na época, em detrimento dos interesses individuais de quem o cometia, era de caráter altruísta.

³ Um caso de *seppuku* voluntário foi o do escritor Yukio Mishima, que realizou o ritual suicida em forma de protesto para restituírem ao imperador seus poderes. O suicídio ocorreu em 1970, resgatando a antiga tradição dos samurais.

⁴ Um caso de *seppuku* ordenado, na literatura, foi o caso do mestre dos 47 rōnins. Ao agredir um alto funcionário judicial, ele cometeu um crime, sendo então sentenciado ao *seppuku*. É dado o nome de *tsumebara* para o *seppuku* ordenado como forma de punição.

2.3 Shinjū

O *shinjū* é o suicídio motivado pelo amor, normalmente realizado entre amantes ou membros de uma família. A palavra *shinjū* (心中) é composta de dois ideogramas, 心 (情死, coração, mente) e 中 (dentro, meio), que juntos inferem a ideia de algo íntimo, de motivos do coração. Existem subcategorias do *shinjū*, como o *oyako shinjū* (suicídio de pai e filho) e o *ikka shinjū* (suicídio de uma família inteira).

O duplo suicídio de amantes também pode ser chamado de *Joshi* (morte passional). Tornou-se um tópico popular na literatura japonesa no século XVII com as obras teatrais do dramaturgo Chikamatsu Monzaemon⁵ (近松門左衛門, 1653-1725), como *Shinjū Ten no Amijima* (心中天網島, Suicídios de amor em Amijima, 1721) e *Sonezaki Shinjū* (曾根崎心中, Suicídios de amor em Sonezaki, 1703).

Estas obras foram inicialmente escritas para o *bunraku* (teatro de marionetes japonês) e causaram um grande e constante impacto na cultura japonesa, sendo posteriormente adaptadas para o teatro *kabuki* (tipo de teatro japonês com atores, característico por uma maquiagem detalhada e um drama típico do estilo). Posteriormente também foram adaptadas para o cinema, como o filme de mesmo nome *Sonezaki Shinjū* (1978), e o filme *Dolls* (2002), assim como adaptações ao teatro moderno.

Nessas peças, a maior motivação para o *shinjū* é a dicotomia entre o *giri* e o *ninjō*. O *giri* significa a obrigação social, como por exemplo a lealdade do samurai ao seu mestre, enquanto o *ninjō* significa o sentimento humano que temos pelo outro, como o afeto de uma mãe por seu filho.

Vale ressaltar que as peças foram escritas na era Edo (1603-1868), época em que o neoconfucionismo estava se difundindo no Japão. Os conceitos de *giri* e *ninjō* ilustrados na literatura desta época podem ser vistos como uma representação da dualidade entre os valores do confucionismo tradicional vindo da China, e os valores confucionistas adaptados para a sociedade japonesa, dois movimentos que aconteciam em paralelo.

⁵ Chikamatsu Monzaemon é considerado o maior dramaturgo japonês, tendo escrito mais de 100 peças teatrais, tanto de *bunraku* como de *kabuki*. O tema central de suas peças eram as paixões e contradições do homem comum, o que marcava muito a sociedade da época.

São tidas irresolutamente como representantes de valores neoconfucionistas da sociedade Tokugawa muitos temas literários, entre os quais o dramático embate entre *giri* (obrigação) e *ninjō* (sentimento humano) que tanto percebemos nas peças de Chikamatsu Monzaemon, mas a nosso ver este embate ocorre justamente como uma metáfora entre o espírito *kara-gokoro* (estrangeiro, lógico, duro, direto, social, masculino, exterior, do outro) e o espírito *wa-gokoro* (suave, redondo, interior, lírico, elíptico, evasivo, sensitivo, do íntimo, feminino) protagonizado pela nova classe social do período Edo, os cidadãos (*chōnin*). (CORDARO, 1998, p. 97)

Na sociedade japonesa, o senso de coletividade e de obrigação é priorizado, enquanto a individualidade e egoísmo humanos ficam em segundo plano. Logo, o contraste entre estes elementos provoca uma reação ainda maior e dramática no imagético japonês.

Em contraste com as peças *jidaimono* (peças de época, 時代物), onde são retratadas famosas batalhas e o sacrifício de guerreiros, e onde o *giri* é predominante, é possível dizer que o *ninjō* predomina nas peças *sewamono* (peças domésticas, 世話物), que retratam situações cotidianas.

As obras de Chikamatsu representando o *shinjū* classificam-se como *sewamono*, e há uma predominância do *ninjō* no momento em que os amantes se matam, pois é a paixão que os leva a cometer o suicídio. Quando não é possível que os amantes permaneçam juntos por conta do *giri* ou das dificuldades da vida, eles optam pelo suicídio, para ficarem juntos na morte, o que já demonstra uma romantização do suicídio na literatura japonesa.

Steven Heine apontou para a distinção entre interpretações social-confucianas e religiosas-budistas, e distinguiu três perspectivas de interpretações convencionais: ética, psicológica e literária. A perspectiva psicológica gira em torno do conflito *giri/ninjō*, e o consenso aqui é que, embora a motivação emocional para o suicídio envolva tanto *giri* quanto *ninjō*, “é a intensa paixão do *ninjō* que obriga os amantes a fazer o sacrifício supremo”.⁶ (HEINE, 1994, p. 377, apud GROOT, 2020, p. 3, tradução nossa)

Uma vez que há a predominância do *ninjō*, e a paixão pode ser considerada um sentimento individual, é possível estabelecer relações com a ideia de suicídio egoísta de Durkheim. Além disso, também é possível observar uma distanciação social provocada no indivíduo pelos conflitos gerados pelo *giri*, outra causa importante de suas mortes que está atrelada ao conceito de suicídio egoísta.

⁶ Steven Heine has pointed at the distinction of social-Confucian and religious-Buddhist interpretations and distinguished three perspectives of conventional interpretations: ethical, psychological and literary. The psychological perspective revolves around the *giri/ninjō* conflict and the consensus here is that, while the emotional motivation for suicide involves both *giri* and *ninjō*, “it is the intense passion of *ninjō* that compels the lovers to make the supreme sacrifice”.

No entanto, também é importante notar que o motivo do suicídio está predominantemente no outro, na vontade de estar junto ao amante em morte, ainda que não seja possível fazer isso em vida. Ainda que a coerção causada pelo *giri* possa enfraquecer os vínculos sociais do indivíduo, ele também está associado ao sentimento de dever para com a sociedade.

De acordo com Cho (2004, p.2, apud O'KANE, 2016, p.12, tradução nossa), "Um dicionário japonês chamado *Koujien* define *shinjū* como uma obrigação social aos outros, realçando a sociabilidade e altruísmo frequentemente envolvidos no auto sacrifício."⁷ A partir disso, é possível notar a predominância do altruísmo no suicídio da sociedade japonesa ao longo de sua história.

2.4 Restauração Meiji e Japão imperial

Também é importante contextualizar o período histórico em que se inserem os autores a serem analisados neste trabalho, no período de 1892 (quando Akutagawa Ryūnosuke nasceu) até 1970 (ano em que Mishima Yukio morreu). Este recorte de tempo perpassa as eras Meiji (1868-1912), Taishō (1912-1926) e Shōwa (1926-1989) no Japão, que iniciam a etapa do Japão moderno e correspondem à época do Japão imperial. Os nomes das eras do Japão são dados de acordo com o imperador regente em cada época.

Anteriormente ao Japão moderno, no período Edo (1603-1868), o imperador e os *Daimyō* estavam desprovidos de poder político, e o país era governado pelo *Shōgun*, general que liderava o exército. A Restauração Meiji foi a derrubada do último *Shōgun*, Tokugawa Yoshinobu, o que consolidou a abertura do Japão para o ocidente e restaurou o poder do imperador. Até então, o Japão se mantinha em um quadro político de isolamento, chamado *Sakoku* (鎖国), por ordens do *Shōgun*.

O *Shōgun* acabou se sujeitando a assinar tratados comerciais com o ocidente. Estes tratados ficaram conhecidos como tratados desiguais, por possuírem termos considerados humilhantes para os asiáticos, que acabavam sendo aceitos sob coerção militar do ocidente. Isso criou um sentimento de xenofobia e hostilidade em relação ao ocidente, o que motivou

⁷ A Japanese dictionary called 'Koujien', defines 'shinju' as a 'social obligation to others', highlighting the sociality and altruism often involved in self-sacrifice.

inúmeros ataques aos estrangeiros e até mesmo ao próprio xogunato. No entanto, com a retaliação do ocidente, ficou clara a superioridade do poderio militar do ocidente, e o último shōgun renunciou ao seu cargo no final de 1867, o que resultou na Restauração Meiji.

Com a recuperação da autoridade do imperador e a derrubada do xogunato, foi possível acabar com a política de isolamento do Japão, o que marcou a era Meiji com inúmeros avanços tecnológicos, além das influências culturais do ocidente. A classe dos samurais deixou de existir, havendo grandes modificações na sociedade japonesa.

Deu-se início então ao período do Japão imperial, na era Meiji. Durante esta era, o Japão realizou uma missão de renegociar os tratados desiguais. A missão acabou não tendo sucesso, mas rendeu a observação dos sistemas sociais ocidentais pelos japoneses, o que inspirou a modernização do país. Como resultado do grande crescimento econômico e industrialização do Japão neste período, ele se tornou a única grande potência oriental. Durante o período Meiji também houve a instauração de uma democracia com a figura de um primeiro ministro, uma das muitas mudanças vindas do ocidente.

Devido ao grande desenvolvimento do país e da influência ocidental, houve uma súbita mudança na sociedade japonesa em todos os campos, como na arte, nas vestimentas, no sistema político e também na literatura. Costumes ligados ao passado do Japão também foram proibidos, assim como a classe dos samurais foi abolida. Com isso, os samurais que perderam sua casta não podiam mais portar *katanas* (espada japonesa), e também se tornou proibido utilizar o penteado típico da classe, chamado *chonmage*, caracterizado pela parte de cima do cabelo raspada e a parte de baixo, que era longa, presa no topo da cabeça.

Durante a era Taishō, que sucedeu a era Meiji, houve a Primeira Guerra Mundial, na qual o Japão lutou ao lado dos aliados. No entanto, o Japão propôs uma cláusula de igualdade racial que foi rejeitada pelos países ocidentais, o que fez com que ele mudasse de lado na guerra seguinte, adotando políticas mais nacionalistas.

Já durante a era Shōwa, houve a ascensão dos *Narikin*, indivíduos que enriqueceram com as novas práticas econômicas importadas do ocidente. Eles eram mal vistos por terem ascendido de classe social, e muitos acreditavam que a origem de seu enriquecimento era a exploração de seus compatriotas. Juntamente com os *Narikin*, surgiram jovens adeptos das ideias e estética ocidental, que valorizavam desde roupas até alimentos e literatura ocidental. Também se destacaram jovens adeptos das ideias Marxistas, que não eram muito bem avaliados pelos conservadores.

Além disso, houve uma manobra econômica dos grandes conglomerados industriais japoneses, que encorajaram políticas de desvalorização do Iene para que eles pudessem comprar a moeda barata. Isso gerou muito lucro para esses grandes conglomerados quando a moeda foi revalorizada posteriormente, mas prejudicaram a economia do país, sendo um dos fatores que culminaram na crise econômica de 1929. A opinião pública começou a alimentar um ressentimento pela influência da cultura ocidental, em especial à democracia e ao capitalismo liberal, abrindo espaço para um nacionalismo conservador.

Também foi durante esta era que ocorreu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde os japoneses lutaram ao lado da Alemanha, e foi a guerra responsável pelos ataques aéreos à base naval de *Pearl Harbor* nos EUA, em 1941, que até então era um país neutro. Este ataque foi responsável pela entrada formal dos EUA na guerra, principalmente contra o Japão. Como consequência disso, ao final da guerra, em 1945, os EUA lançaram as duas bombas atômicas às cidades de Hiroshima e Nagasaki, tentando forçar a rendição do Japão, que permanecia na guerra mesmo em total desvantagem.

De início, os japoneses tinham a vantagem tecnológica sobre os americanos, por possuírem caças mais ágeis. No entanto, em alguns anos, a situação se reverteu, e a nova estratégia adotada pelos japoneses foi de utilizar os esquadrões *kamikaze*, caças armados com bombas para atacar os porta-aviões inimigos.

O esquadrão *kamikaze* era composto de pilotos suicidas que faziam ataques de choque corporal, jogando seus aviões contra construções inimigas, durante a Segunda Guerra Mundial. Surgiu em 1944, aderindo ao discurso oficial do governo japonês, que defendia o sacrifício como uma demonstração do espírito do guerreiro japonês, conforme a tradição dos antigos samurais.

O nome do esquadrão foi dado com a junção das palavras *kami* (“deus”) e *kaze* (“vento”), ou seja, “ventos dos deuses”. Esse nome faz referência aos furacões que salvaram o Japão das invasões mongóis em 1274 e em 1281. Pela conveniência do momento em que esses furacões surgiram, e pela sua potência, eles foram descritos como *kamikaze*. A utilização deste nome no esquadrão de pilotos suicidas deixa transparecer uma romantização do sacrifício dos guerreiros pela pátria.

Retomando a tradição suicida dos samurais, o moderno exército imperial japonês era induzido a sacrificar a vida em batalha, uma vez que sobreviver a uma derrota era algo desonroso. Enquanto soldados alemães eram instruídos a matar, os soldados japoneses eram

instruídos a morrer em guerra. Essa atitude era vista como um sinal de superioridade do espírito japonês em relação ao espírito ocidental, e era a forma que eles encontraram de compensar a inferioridade material de seu exército.

Esta disposição ao sacrifício deveria ser também uma prova da superioridade do espírito japonês (sobretudo em relação ao espírito ocidental), mostrando que mesmo um exército materialmente mais fraco poderia vencer pela força espiritual. (GONÇALVES, 2012, p. 82)

O suicídio para os soldados japoneses na Segunda Guerra não era mais uma opção, assemelhando-se a um *seppuku*. Eles eram socialmente e moralmente coagidos a isso. Com o discurso do suicídio tradicional dos samurais, o país obrigava os jovens soldados a sacrificarem suas vidas na guerra, sob a ameaça da vergonha e da desonra. Logo, ele não se classifica como um suicídio altruísta facultativo, mas sim um suicídio altruísta obrigatório.

No texto de Durkheim, fica evidente que o suicídio altruísta de tipo obrigatório é o mais comum nos meios sociais marcados pelo altruísmo; no entanto, pelo que a História nos mostra, as razões dos suicídios (principalmente por *seppuku*) no Japão, são mais de natureza facultativa do que obrigatória (embora no período Tokugawa o suicídio obrigatório por meio do *tsumebará* possa ter sido mais numeroso), sendo os suicídios facultativos geralmente vistos com bons olhos pela sociedade (o que os encaixa perfeitamente na teoria de Durkheim), [...] Além disso, também cabe destacar que, enquanto os suicídios obrigatórios eram vistos como honrosos (e passíveis de pena em caso de recusa) nos exemplos dados por Durkheim, no Japão o único caso de suicídio obrigatório, o *tsumebará*, era uma punição, que tinha como único mérito preservar a dignidade do condenado, não sendo motivo de louvores. (GONÇALVES, 2012, p. 77)

Na visão de Gonçalves, a maior parte dos suicídios por *seppuku* no Japão foram facultativos, sendo apenas os de natureza punitiva considerados obrigatórios. No entanto, também é possível enxergar uma certa coerção social nos *seppuku* considerados voluntários, uma vez que era cobrado dos samurais que mantivessem sua honra intacta até o final de suas vidas, o que se assemelha em partes ao caso dos *kamikaze* na Segunda Guerra Mundial, embora estes fossem convocados e enviados diretamente para a sua morte.

Sendo assim, é possível destacar a semelhança entre os principais momentos de suicídio na História do Japão. O discurso de honra através da morte é retomado e acatado pela sociedade, de forma que fica evidente a natureza majoritariamente altruísta da morte voluntária no país, ainda que seja questionável se sua natureza é ordenada ou facultativa.

3 OSAMU DAZAI (1909-1948)

3.1 Sobre o autor

Osamu Dazai é o pseudônimo de Shuji Tsushima, um dos autores mais representativos do século XX no Japão. Sua obra mais conhecida foi “Declínio de um homem” (em japonês *Ningen Shikkaku*), publicada no Brasil pela Editora Liberdade. Suas publicações ocorreram entre os anos de 1936 e 1948, durante o período Shōwa.

Dazai nasceu na província de Aomori, localizada no nordeste do Japão, no ano de 1909. Tinha vários irmãos, e seu pai era um proprietário de terras muito rico. Dazai tinha uma relação conturbada com sua família e se sentia abandonado pelos pais. Devido a sua riqueza e influência, o pai de Dazai foi envolvido na política, o que o deixou muito ocupado e, conseqüentemente, ausente na vida do filho.

Sua mãe também era ausente por estar muito doente, o que o fez ser criado por uma tia, uma ama e os servos da família. Quando o menino ainda estava na escola primária, sua ama, que o criava desde os dois anos de idade, deixou a família Tsushima para se casar, e sua tia foi morar com a família da filha, o que intensificou seus sentimentos de abandono.

Em março de 1923, enquanto ele tinha apenas 13 anos, seu pai faleceu de câncer no pulmão, e seu irmão tornou-se o novo chefe da família. Em 1927, começou a estudar literatura na Universidade de Hirosaki e participou de diversas publicações em revistas e jornais durante sua graduação. No entanto, abandonou os estudos por causa do seu pessimismo constante e do alcoolismo. A morte de seu ídolo, Akutagawa Ryūnosuke, também o impactou nesta época.

Dazai tinha um comportamento desregrado em relação aos anseios de sua família, como sua vontade de ser escritor, por exemplo, que não era muito bem vista por ela. Com o tempo, isso se intensificou, fazendo com que ele começasse a levar uma vida devassa, saindo com prostitutas, usando drogas, abusando do álcool, abandonando os estudos, se envolvendo com o comunismo, e até mesmo tentando suicídio diversas vezes. Acredita-se que isto pode ser atribuído a um desejo de causar problemas à família, pela qual ele se sentia abandonado. (KEENE, 1998, apud OLIVEIRA e CUNHA, 2017)

Ao participar dos grupos comunistas, Dazai sentia um conflito interno em relação a suas origens. Por um lado, estaria sendo desleal com sua família por apoiar um movimento crítico

aos ricos e proprietários de terras. Apesar de ter uma relação conturbada com a família Tsushima, ele sentia um forte senso de dever para com ela. Mas, também se sentia um penetra no movimento marxista, pois embora concordasse com seus ideais, sentindo culpa pelas suas origens, ainda era um filho de uma família rica, um explorador do povo. O autor muitas vezes não sentia que pertencia a lugar nenhum, e isso foi uma das fortes motivações para a sua primeira tentativa de suicídio, aos 19 anos. (KAWANA, 2015, apud OLIVEIRA e CUNHA, 2017)

Em 1930, foi estudar em uma universidade em Tóquio, mas logo abandonou os estudos novamente. Neste período, iniciou um relacionamento com uma gueixa chamada Oyama Hatsuyo, que foi sua primeira esposa, e este relacionamento durou 10 anos. No entanto, seu irmão não aprovava este relacionamento.

Quando ela se mudou para Tóquio a fim de morar com Dazai, seu irmão, que havia se tornado o chefe da família com a morte do pai, decidiu interromper o auxílio financeiro que lhe dava. Isto aumentou a sensação de abandono que ele sentia em relação à família, além da sensação de fracasso por não ganhar o suficiente com sua carreira de escritor, e fez com que combinasse um duplo suicídio com uma anfitriã de bar chamada Tanabe Shimeko. Os dois se jogam no mar, mas Dazai sobreviveu, e apenas Shimeko morreu. Este episódio é retratado em muitas de suas obras, incluindo “Declínio de um homem”.

Após esta tentativa de suicídio, Dazai voltou a receber auxílio da família, pois não ganhava o suficiente como escritor, o que aprofundava nele o sentimento de fracasso. Dazai então passou por períodos turbulentos, com tentativas de suicídio, vício em analgésicos, diagnóstico de tuberculose, etc. Seus familiares o convenceram a se internar em um hospital para tratar seu vício em narcóticos, mas ele se sentiu traído ao descobrir que foi internado em um hospital psiquiátrico.

Em 1937, Dazai descobre a traição de sua esposa Hatsuyo, e a convence a se suicidar junto com ele. Os dois sobrevivem, mas isso marca uma segunda tentativa de Dazai de morrer junto a uma mulher, o que mostra uma forte influência da cultura do *shinjū*, o suicídio de amantes, em sua vida. Após isto, eles acabam se separando.

Dois anos depois, aceita um casamento arranjado por sua família e casa-se com Ishihara Michiko, mas continua tendo amantes fora do casamento. A partir de então, Dazai publica muitos escritos com características um pouco menos negativas e começa a ter muito sucesso em sua carreira. Acredita-se que o período da Segunda Guerra Mundial teve grande influência

no seu sucesso, pois Dazai pôde se sentir um pouco mais livre para expressar seus sentimentos, uma vez que toda a população também estava passando por um momento sensível.

Dazai acreditava que precisava ser um cidadão correto durante a guerra, acima de tudo. Em parte, seu sucesso na escrita durante este período se deve ao seu constante esforço em ser um homem de família e um escritor responsável. Além disso, o clima obscuro causado pela guerra também tornou suas obras mais atraentes para o público, pelo cunho pessimista que possuíam.

No entanto, em 1942, as censuras começaram a ficar pesadas em cima de suas obras, consideradas inapropriadas para a situação emergencial da época. O material impresso começou a ser severamente racionado, uma vez que o nacionalismo radical de direita havia sido instaurado. Isto foi um dos motivos pelo teor menos negativos de suas obras, pois o autor já havia passado por algumas situações de censura.

Dazai tinha expectativas que a guerra alimentasse uma sensação de dever moral na população, mas suas expectativas foram frustradas no período pós-guerra, ao perceber que nada havia mudado. “O Japão fez sua rendição incondicional. Tudo que senti foi vergonha. Eu estava tão envergonhado, que não conseguia dizer nada.”¹ (DAZAI, 1946, apud LYONS, 1985, p. 44, tradução nossa). Com isso, seu pessimismo voltou a ser evidente em suas obras. Escrevendo diversas obras com aspectos autobiográficos, o autor continuava fazendo muito sucesso.

Em 1947, sofreu uma overdose acidental de sonífero, o que complicou um pouco mais o quadro de sua tuberculose. No ano seguinte, viajando com sua amante, Yamasaki Tomie, sofreu uma hemorragia pulmonar e escreveu “Declínio de um homem”. Neste mesmo ano, Dazai e Tomie se suicidaram juntos, jogando-se em um rio. Desta vez, Dazai conseguiu se matar junto à sua amante, e deixaram para trás um bilhete de despedida.

3.2 A obra: *Ningen Shikkaku*

Uma de suas obras mais famosas foi *Ningen Shikkaku*, traduzida para “Declínio de um homem” em sua versão brasileira, que escreveu no ano de sua morte. Ela tinha fortes traços autobiográficos e é possível encontrar inúmeros pontos em comum entre o protagonista Yozo

¹ “Japan made its unconditional surrender. All I felt was shame. I was so ashamed, I could say nothing.”

e o autor Dazai. Por isso, é necessário conhecer a vida do autor para estabelecer relações entre ficção e realidade e apreciar essa característica do romance.

“Declínio de um homem” narra a história de Yozo ao longo de três etapas da sua vida. Em sua infância, ele se sentia deslocado da normalidade das pessoas ao seu redor, e se sentia alienado de sua família, o que pode ser relacionado à complicada situação familiar de Dazai e seu sentimento de abandono parental.

Yozo entrou na faculdade de artes, mas não se dedicava. Enquanto Yozo queria ser um desenhista, Dazai queria ser um escritor. Ambos almejavam uma carreira artística não muito valorizada pela sociedade, e não se empenhavam no ambiente acadêmico, tendendo a abandonar os estudos e se envolver com drogas, prostituição e comunismo. O protagonista Yozo descreve que se sentia confortável nos movimentos comunistas pela sua característica de ilegalidade, de estar à margem da sociedade, o que mostra uma tentativa de pertencer a algo, mesmo se considerando diferente.

Em uma de suas noites de diversão, Yozo conheceu Tsuneko, uma mulher casada que, assim como ele, se sentia infeliz com a vida. Ao se aproximar dela, ele comentou sobre o fim do dinheiro significar o fim das relações:

— Dizem que “o fim do dinheiro é o fim das relações”, mas normalmente as pessoas entendem ao contrário. Isso não significa que quando um homem fica sem dinheiro acaba abandonado pela mulher. Um homem sem dinheiro fica deprimido, imprestável; não tem mais força para rir, fica se sentindo injustiçado, e por fim, em desespero, ele larga a mulher. O provérbio quer dizer que o homem, quase enlouquecido, vai largando tudo, tudo, até que perde a mulher. Está no dicionário Kanazawa. Coitados. Eu entendo esse sentimento. (DAZAI, 2018, p. 70)

Tanto Yozo quanto Dazai recebiam auxílio financeiro de suas famílias, e se sentiam fracassados por não conseguirem ganhar dinheiro o suficiente com suas respectivas carreiras artísticas. Esta relação entre o dinheiro e o fracasso pode ser considerada o motivo para a tentativa de suicídio que mais marcou a vida dos dois:

– Puxa! Você só tem isso?

Perguntou num tom inocente, mas foi o suficiente para provocar em mim uma dor intensa, que vinha das profundezas do meu corpo. Era aquele tipo de dor que só a voz da primeira mulher amada poderia provocar. Seja como for, três moedas de cobre não contam como dinheiro. Aquela era uma humilhação estranha que eu jamais havia experimentado. Uma humilhação com a qual eu não poderia viver. Presumo que naquela época eu ainda não tinha conseguido me desvencilhar do rótulo de filhinho de papai. Naquele momento eu decidi, de verdade, morrer. (DAZAI, 2018, p. 75)

Yozo tentou cometer suicídio junto com Tsuneko. Ambos pularam em um rio, e apenas ele sobreviveu. Dazai passou pela mesma experiência em sua vida, onde foi o único

sobrevivente de uma tentativa de duplo suicídio, episódio marcante em sua vida. No caso de Dazai, a motivação para o suicídio também foi a relação entre o dinheiro e o fracasso, pois ele parou de receber auxílio de sua família, e não conseguia se manter sozinho.

Após a morte desta mulher, tanto Yozo quanto Dazai foram assolados com um forte sentimento de culpa. Yozo então tentou se endireitar na vida e conheceu uma mulher que o pediu para parar de beber, com quem ele acabou se casando. Ele finalmente teve um período mais normal e estável em sua vida. Embora muitos destes acontecimentos sejam fictícios, pois a segunda esposa de Dazai foi de um casamento arranjado, ele também passou por um período mais estável em sua vida após falhar em sua primeira tentativa de duplo suicídio.

Esta característica de escrever uma história fictícia por cima do pano de fundo de sua vida real, misturando realidade com ficção, inclui Dazai no movimento literário do *Watakushi Shōsetsu*. Este é um estilo literário que mistura o romance e a autobiografia. A narrativa é escrita em primeira pessoa, incorporando elementos autobiográficos. O gênero foi criado com base no naturalismo japonês.

Após a Restauração Meiji e a abertura do Japão aos países estrangeiros, a literatura japonesa recebeu muitas influências dos romances ocidentais, em especial do naturalismo francês. O naturalismo europeu era caracterizado por uma descrição precisa e detalhada da realidade, assim como das relações entre o indivíduo e a sociedade. Já o naturalismo japonês focava-se na descrição precisa do estado de espírito e das experiências pessoais do narrador. Isto fez com que os romances naturalistas japoneses tivessem tons de confissões ou diários.

O *Watakushi Shōsetsu* não pode ser reduzido a apenas uma autobiografia ou romance autobiográfico. Sua peculiaridade está presente na ambiguidade entre ficção e realidade, não havendo um pacto autobiográfico, de compromisso com a realidade, nem um pacto ficcional, de compromisso com a invenção dos fatos. Por isso, os outros autores explorados neste trabalho, como Akutagawa Ryūnosuke e Mishima Yukio, não estão incluídos no movimento literário do *Watakushi Shōsetsu*, apesar de terem romances com características autobiográficas. Logo, seria mais preciso traduzir *Watakushi Shōsetsu* como uma “ficcionalização de si”, ao invés de “romance autobiográfico”.

Em “Declínio de um homem”, a ficção se confunde com a realidade. O personagem Yozo representa muito da personalidade e da história de Dazai, mas o enredo também inventa situações fictícias. Uma diferença entre Yozo e Dazai, por exemplo, foi a época da morte de seu pai.

O pai de Dazai morreu em 1923, muitos anos antes da sua primeira tentativa de suicídio duplo, em 1930. O pai de Yozo só morreu no final da obra, depois de todos os acontecimentos descritos no livro, como a tentativa de suicídio duplo, o segundo casamento e o vício em morfina. No entanto, em ambos os casos, o pai dele morre. As histórias do personagem e do autor se entrelaçam, de forma que é difícil distinguir o que é autobiográfico do que é ficção.

No final do livro, há um epílogo que narra o momento em que o responsável pela publicação recebeu os cadernos com as anotações de Yozo, dando a entender que a história narrada era sobre uma pessoa real. No entanto, não há garantias de que a obra autobiográfica, que foi publicada por um terceiro, não tenha sido alterada ou completamente inventada.

Sabe-se que a obra se refere à vida de Dazai, o próprio escritor que diz ter recebido os cadernos, logo, este epílogo pode ser considerado como parte da ficção da história, ao mesmo tempo que tenta atestar um caráter de veracidade à autobiografia de Yozo. O autor real do livro é Dazai, mas também é o autor fictício que escreveu os cadernos, Yozo, o que gera outra camada de ambiguidade.

Ao final da história, Yozo foi internado em um hospital psiquiátrico. A madame do bar que entregou os cadernos dele para o narrador do epílogo disse que Yozo era uma ótima pessoa, o que contradiz o que ele dizia sobre si mesmo durante toda a narrativa:

“– A culpa é do pai dele – disse ela, casualmente. – O Yo-chan que conhecíamos era uma pessoa muito sincera, prestativa, se ao menos não bebesse... aliás, mesmo quando bebia... o menino era um anjo – completou ela.” (DAZAI, 2018, p. 148)

É então estabelecido um contraste entre uma visão mais distante e objetiva e uma visão mais subjetiva e enviesada a respeito do caráter do protagonista. Os cadernos são todos escritos na perspectiva de Yozo, que considera a própria vida um acúmulo de pecados, desde a sua origem como opressor em um sistema capitalista, até sua falha tentativa de suicídio duplo, que resultou na morte de uma mulher. No entanto, apenas no epílogo é possível ver a perspectiva de uma outra pessoa sobre o caráter do protagonista, e ela o considera “um anjo”. Considerando-se que Dazai escreveu estas duas perspectivas distintas, pode ser inferido que havia uma tentativa por parte dele de lidar com os sentimentos de culpa, conferindo a sua obra um tom confessional.

Os pensamentos suicidas de Yozo acabam derivando do sentimento de culpa e de abandono, o que apontam um afrouxamento das relações entre o indivíduo e a sociedade, pois

ele tem um histórico de abandono parental, e tem a principal tentativa de suicídio logo após ser deserdado pelo seu irmão.

Durkheim descreveu o suicídio como um fato social, um fenômeno motivado por causas de cunho social, acima do psicológico. O suicídio de tipo egoísta está atrelado a este afrouxamento das relações e da coesão social. Yozo apresenta este enfraquecimento em suas diversas esferas sociais, como a família, o grupo marxista, seus amigos e as mulheres que passaram por sua vida. Este tipo de suicídio é mais comum em sociedades modernas, o que pode ser visto como uma consequência da modernização do Japão após a Restauração Meiji.

Também pode ser observada uma forte influência da cultura do *shinjū* na obra e na vida de Dazai. O caso do duplo suicídio em que ele falhou, e que também é representado em “Declínio de um homem”, foi um momento em que ele se sentia incapaz de cumprir com suas obrigações e sentia-se humilhado por não receber dinheiro o suficiente com o seu trabalho, além de não conseguir honrar a sua família, ainda que se sentisse abandonado por ela. Sendo assim, o *giri*, sua sensação de dever, acaba sendo um dos motivadores quando ele opta pelo suicídio duplo.

A ênfase do samurai na morte como um meio para atingir a honra ou a liberdade teve seu efeito na sociedade em geral. E assim o suicídio pode ser uma demonstração de coesão social em formas tradicionais como *junshi*, seguir o próprio senhor na morte, e *shinju*, morrer com outra pessoa, geralmente o amante de alguém. Três das tentativas de Dazai foram pelo menos externamente do tipo *shinju*, ou seja, envolviam uma mulher (o elemento “amor” é questionável).² (LYONS, 1985, p. 11, tradução nossa)

Ainda que o *shinjū* seja um forte elemento de sua obra, é preciso observar que o livro foi publicado na era Shōwa (1926-1989), momento literário diferente do Período Edo (1603-1868), quando as obras sobre *shinjū* de Chikamatsu Monzaemon foram escritas. Osamu Dazai escreve sua obra com um tom a mais de realismo, por ter a descrição precisa do estado emocional de Yozo, que se sentia abalado pela falta de dinheiro e pelo abandono de sua família, além dos pensamentos pessimistas que o levaram a optar pelo suicídio.

Assim como a tentativa de suicídio que o autor teve junto a uma mulher na sua vida, o *shinjū* de Yozo com Tsuneko não havia sido sua primeira tentativa de suicídio, e os sentimentos de um pelo outro não foram o principal motivo para este acontecimento, o que muda a perspectiva do *ninjō*, os sentimentos humanos, sobre o caso de *shinjū*.

² The samurai emphasis on death as a course of honor or freedom has had its effect on the society at large. And so suicide may be a demonstration of social cohesion in such traditional forms as *junshi*, or following one’s lord in death, and *shinju*, or dying with another person, usually one’s lover. Three of Dazai’s attempts were at least externally of the *shinju* type, that is, they involved a woman (the element of “love” is questionable).

Embora idealmente este tipo de suicídio seja uma expressão de sentimentos de inseparabilidade, às vezes ocorre que “alguém em desespero, mas incapaz de cometer suicídio sozinho, pode adquirir a coragem de tirar a própria vida quando encontra um companheiro suicida”. De acordo com o testemunho de Dazai, isso foi pelo menos parcialmente verdadeiro em suas duas primeiras tentativas de *shinju*; os críticos viram isso (especialmente porque Dazai já havia falhado quatro vezes) no terceiro também.³ (LEBRA, 1976, p. 196, apud LYONS, 1985, p. 11, tradução nossa)

A partir disto, pode-se dizer que a obsessão que Dazai tinha pelo *shinjū* como forma de suicídio se dava majoritariamente pelo seu medo de encarar a morte sozinho. A outra pessoa envolvida não era o centro da questão, apesar de ter uma participação no ato. A sua vontade de morrer já era evidente por suas inúmeras tentativas de suicídio, sendo o *shinjū* apenas um dos artifícios utilizados para este fim.

³ While ideally such suicide is an expression of feelings of inseparability, sometimes it is the case that “someone in despair but unable to commit suicide alone may acquire the courage to take his life when he finds a suicidal companion.” According to Dazai’s testimony, this was at least partly true of his first two attempts at *shinju*; critics have seen it (especially since Dazai had been unsuccessful four times already) in the third as well.

4 RYŪNOSUKE AKUTAGAWA (1892-1927)

4.1 Sobre o autor

Ryūnosuke Akutagawa (芥川 龍之介) foi nomeado com o significado de “filho do Dragão”, com o ideograma de *ryū* (龍, dragão), por ter nascido na hora, dia, mês e ano do Dragão. Nasceu no bairro de Kyōbashi, localizado em Tóquio, em 1892, na era Meiji (1868-1912). Era o filho mais velho, tendo duas irmãs. Após seu nascimento, sua mãe passou por questões referentes à sua sanidade mental, acontecimento que marcou muito sua vida e sua obra, pois na época, acreditava-se que a loucura poderia ser hereditária.

Foi então adotado por um tio materno, de quem pegou o sobrenome Akutagawa, e por uma tia solteira. Seu pai adotivo trabalhava com pintura *nanga*¹, com poesia *haiku*² e com jardinagem *bonsai*³, enquanto sua mãe adotiva era de uma família de princípios hedonistas e conhecimentos nas artes. Sua família tinha grandes preocupações com as aparências sociais, por terem sido tradicionais oficiais menores do sistema de xogunato que agora estavam empobrecidos pela grande mudança ocorrida no Japão com o fim do xogunato.

Akutagawa começou a praticar a escrita aos 10 anos de idade, e na adolescência demonstrava interesse por literatura japonesa moderna, pelos clássicos chineses e por traduções de obras ocidentais. Um dos escritores japoneses populares nessa época era Natsume Sōseki, de quem se tornaria discípulo posteriormente.

Em 1910, entrou para o Terceiro Ginásio de Tóquio, e alguns de seus colegas de classe desta época também se tornariam escritores famosos, como Kan Kikuchi⁴, Masao Kume⁵, Yūzō

¹ Pintura *nanga* foi um tipo de pintura que ficou famosa no final do período Edo, geralmente em tinta preta monocromática, retratando temas tradicionalmente chineses.

² Poesia *haiku*, também conhecida como poesia *haikai*, é um gênero de poesia japonesa com forma fixa: primeiro e terceiro verso com 5 sílabas, segundo verso com 7 sílabas (5-7-5). É uma poesia objetiva e sintética, geralmente com temática bucólica.

³ Jardinagem *bonsai* é uma técnica japonesa de cultivar árvores em um tamanho reduzido, como uma forma de arte.

⁴ Kan Kikuchi (1888-1948) foi o pseudônimo de Hiroshi Kikuchi. Ele foi responsável por criar o prêmio de literatura Akutagawa, em 1935, em memória de Akutagawa Ryūnosuke. Suas principais obras foram as peças *Madame Pérola* e *O Retorno do Pai*.

⁵ Masao Kume (1891-1952) escreveu peças, romances e poesias *haiku*. Uma de suas principais obras foi o romance melodramático *Mensageiro da Lua*.

Yamamoto⁶ e Bunmei Tsuchiya⁷. Nesta época, Akutagawa se interessou por muitos escritores ocidentais como Baudelaire, pelo teatro *bunraku* (teatro de marionetes japoneses), romances e poemas *haiku*, além do cristianismo.

Entrou na Universidade Imperial de Tóquio em 1913, onde se especializou em literatura inglesa e começou a escrever. Na universidade, começou a publicar traduções de autores ocidentais, no jornal literário *Shinshichō* (新思潮, Novas correntes de pensamento), revivido por ele e seus amigos de escola. Publicou seu primeiro conto, *Rashōmon* (羅生門), em 1915, na revista literária *Teikoku Bungaku* (帝国文学, Literatura Imperial), obra que não recebeu muito destaque na época, mas que foi valorizada pelo autor veterano Natsume Sōseki.

Akutagawa começou a frequentar encontros todas as quintas-feiras, na casa de Sōseki, passando a se considerar discípulo deste. O veterano o estimulou muito em sua escrita, principalmente a partir de seu conto *Hana* (鼻, O Nariz), publicado em 1916 na revista *Shinshichō*. Ele publicou uma série de contos que se passavam nos períodos Heian (794-1185), Edo (1603-1868) e Meiji (1868-1912), com os principais temas sendo a feiura do egoísmo humano e o valor da arte enquanto redentora da miséria da vida cotidiana.

Ainda em seu período de estudante, propôs casamento a uma amiga de infância chamada Yayoi Yoshida, tendo oposição de sua família adotiva. Em 1916, rompeu com Yoshida, obedecendo à oposição de sua família, e em 1918 casou-se com Fumi Tsukamoto, com quem teve três filhos.

Em 1921, Akutagawa passou 4 meses na China como repórter de um jornal de Osaka. Diferente de seu mestre Sōseki, Akutagawa não viajou para a Europa, conhecendo-a apenas através de livros. Esta viagem à China foi muito estressante e o fez sofrer de várias doenças físicas e mentais no ano seguinte, sendo parte delas relacionadas à loucura de sua mãe. Sofreu de outro colapso nervoso em 1926, e no ano seguinte teve que assumir dívidas herdadas de seu cunhado, que havia sido julgado culpado de perjúrio por incendiar a própria casa para receber dinheiro do seguro.

⁶ Yūzō Yamamoto (1887-1974) foi um romancista e dramaturgo japonês. Um tema recorrente em suas obras eram as injustiças sociais sofridas por mulheres e uma de suas principais obras foi a peça *Sakazaki, Lorde Dewa*.

⁷ Bunmei Tsuchiya (1890-1990) foi um poeta japonês que escrevia poesias *haiku* e *tanka* (poesias de 31 sílabas). Em 1925, publicou seu primeiro livro de poesias, *Fuyukusa* (Gramma de Inverno).

Também por volta desta época, travou uma discussão literária acalorada com o autor Jun'ichirō Tanizaki. Akutagawa defendia que o lirismo era mais importante do que o enredo numa obra de ficção, ainda que reconhecesse a importância da estrutura da narrativa para a existência de uma história. Os dois autores se opunham ao movimento de naturalismo e “romance do eu”, mas rivalizavam como grandes autores promissores de sua época.

Akutagawa escreveu críticas literárias que foram publicadas mensalmente na revista *Kaizō*, de abril de 1927 até agosto do mesmo ano, e a esta série foi dado o nome de *Bungeiteki na*, *amari ni bungeiteki na* (文芸的な、余りに文芸的な, Literário, muito literário). Dentre estas críticas, o debate entre Akutagawa e Tanizaki sobre o valor artístico do enredo em um romance ganhou bastante atenção.

O debate se originou de uma afirmação feita por Akutagawa no simpósio da revista literária *Shinchō*, em fevereiro de 1927. Neste simpósio, ele criticou algumas obras de Tanizaki, questionando se seus enredos poderiam ser considerados artísticos, e alegando que apelar para o interesse do leitor não fortalecia seu valor artístico. A partir disso, Tanizaki respondeu à crítica de Akutagawa na revista *Kaizō*, e iniciou-se a discussão literária entre os dois.

Acredita-se que o peso da responsabilidade pela dívida de seu cunhado, além de sua debilidade mental, associada ao fantasma da loucura de sua mãe, e à tensão do debate literário com Tanizaki, foram os principais fatores que o levaram ao suicídio, em 1927, aos 35 anos de idade. No fim de sua vida, começou a ter alucinações, e tentou suicídio junto com um amigo de sua esposa, mas falhou. Sua última tentativa de suicídio foi com uma overdose de Veronal, remédio sedativo e hipnótico que costumava usar para dormir, a qual o levou a falecer em 24 de julho de 1927.

Muitos de seus trabalhos reinterpretabam clássicos de um ponto de vista moderno. Ele se opunha ao naturalismo, muito presente na ficção japonesa da época, e criticava fortemente o *Watakushi Shōsetsu* (romance do eu), por conter uma forte demonstração de exibicionismo. No entanto, seus últimos trabalhos, como *Aru Ahou no Isshou* (或阿呆の一生, A vida de um idiota) e *Haguruma* (齒車, Engrenagens), continham fortes elementos autobiográficos.

Também é possível atribuir o suicídio de Akutagawa à sua relação com a cultura ocidental e ao “demônio do fim-de-século”, postura niilista adotada por alguns escritores ocidentais na transição do século XIX para o século XX, quando houve muitas mudanças

sociais, políticas e tecnológicas que levaram a uma sensação de incerteza e ansiedade em relação ao futuro. Estes escritores tentavam tirar máximo proveito da vida, que não fazia sentido para eles, através do hedonismo e da arte. Baudelaire e Oscar Wilde foram grandes influências para Akutagawa.

O rótulo mais frequentemente atribuído a Akutagawa é o de ter sido um “intelectual esteta” e, acrescentemos, tocado por um vago e transoceânico “demônio do fim-de-século” (XIX), tipicamente europeu, que provocou não poucos suicídios também entre seus escritores. (CORDARO, Introdução. In: AKUTAGAWA, 2013, p. 14)

4.2 A Obra: A vida de um idiota e Engrenagens

A obra *Aru Ahou no Isshou* (或阿呆の一生, A vida de um idiota) foi publicada em 1927, ano de morte de Akutagawa. O autor enviou o manuscrito desta obra para seu amigo, Masao Kume, dando a ele o direito de uso e de divulgação, pouco mais de um mês antes de cometer suicídio.

Ela é composta por 51 contos-fragmentos que constroem um perfil biográfico do autor. No último fragmento, ele narra seu suicídio por meio de uma overdose de Veronal, embora a obra tenha sido escrita com o autor ainda vivo. Há uma mescla entre ficção e realidade com a concretização do suicídio descrito na obra, ao ponto de ser chamada de “testamento literário” ou “carta suicida”.

Os trechos descrevem momentos da vida do autor, entre eles, o entendimento da loucura de sua mãe, que viria a persegui-lo mais tarde, sua tia solteira, que o criou como mãe adotiva, as amantes que teve, suas relações familiares, sua discussão com o autor Tanizaki, sua admiração por Natsume Sōseki, e até mesmo as impressões que teve das obras ocidentais, que o influenciaram muito em sua carreira.

É importante observar que as últimas obras do autor, como *A vida de um idiota* e *Engrenagens*, tiveram caráter autobiográfico, o que pode parecer contraditório pelas críticas que ele tinha aos escritores deste gênero, por acreditar que estes eram exibicionistas.

Acredita-se que *A vida de um idiota* tenha sido algo além de uma obra literária, mais próximo de uma carta de suicídio, pois o autor deixa claro sua intenção de se comunicar sobre sua intenção suicida, que é concretizada pouco tempo depois de enviá-la para seu amigo Masao. “Mas, por estranho que possa parecer, não me arrependo de nada. Lamento somente aqueles

que tiveram o mau marido, o mau filho, o mau pai que eu fui. Sendo assim, adeus.” (AKUTAGAWA, 2013, p. 171)

Os suicídios de autores como Akutagawa e Dazai se afastam de um nacionalismo romântico, como nos casos de *seppuku* dos samurais, e se aproximam mais de uma ideia de autodestruição. A tradicional morte japonesa motivada pela lealdade e pela manutenção da honra dos guerreiros é rejeitada, dando espaço para uma forma de suicídio mais moderna, que representa o cenário de alienação presente no Japão do final do século XIX. (WOLFE, 1990, apud CANTUÁRIO, 2021)

O romantismo surgiu no Japão como uma reação ao realismo e naturalismo que prevaleciam até então. Os movimentos literários japoneses se organizaram em uma ordem cronológica diferente dos ocidentais, pois o Japão começou a sofrer influências do ocidente a partir da era Meiji, fazendo com que sua literatura chegasse ao país com uma defasagem de tempo. O romantismo japonês foi muito influenciado pelo ocidental, mas também incorporou elementos da cultura japonesa tradicional, como a poesia *tanka* e *haiku*.

O movimento nacionalista romântico que ocorreu no Japão nas décadas de 20 e 30 foi influenciado pelas mudanças políticas e sociais que ocorreram no país neste momento, como a expansão militar e a guerra com a China. Embora alguns autores tenham sido inspirados a explorar temas nacionalistas em suas obras como forma de expressar seus sentimentos sobre esses acontecimentos, o movimento foi apenas um aspecto da cultura japonesa, e não engloba todas as obras produzidas nesse período, como foi o caso de Dazai e Akutagawa.

No final do século XIX, o Japão passou por uma série de transformações rápidas e profundas, como a Restauração Meiji, que foi um período de grandes mudanças e transformações no país. Durante esse período, o Japão abriu suas fronteiras para o ocidente e passou por um brusco processo de industrialização. Essas mudanças causaram uma sensação de alienação nos japoneses, que até então viviam em uma sociedade agrícola, e precisaram se adaptar a uma sociedade moderna e industrializada repentinamente.

Além disso, o Japão também passou pela urbanização, o que pode ter contribuído com a sensação de alienação daqueles que precisaram se desconectar de suas raízes rurais e se mudar para as cidades, longe de sua cultura mais tradicional. Segundo Durkheim (2000), a sensação de alienação da sociedade pode contribuir como uma causa social para o suicídio egoísta, enquanto o suicídio altruísta é influenciado por uma conexão muito forte com ela. É possível então estabelecer uma relação entre a modernização do Japão e a mudança no comportamento

suicida da sociedade japonesa nesta época, que é representada desta forma mais autodestrutiva na obra de Akutagawa.

Akutagawa era famoso por representar períodos mais antigos do Japão com muita precisão histórica e cultural em suas obras, utilizando elementos como o vestuário dos personagens, a arquitetura do local, os objetos de cena, o vocabulário escolhido, e também fatos históricos. Suas obras de caráter autobiográfico representam fielmente o tempo contemporâneo em que o autor estava inserido, mantendo ainda seu estilo de representar fielmente características culturais da época narrada. Através de seus romances autobiográficos, ele demonstra a influência de inúmeros autores ocidentais em sua vida e sua escrita, algo proporcionado pela modernização do Japão iniciada na era Meiji.

A obra *A vida de um idiota* narra fragmentos reais da sua trajetória de forma literária, com acontecimentos detalhados que se conectam a um desfecho final. Embora a obra seja separada em pequenos fragmentos espaçados de forma não contínua, todos eles se conectam com o principal tema da obra, a sua escolha entre a loucura ou a morte. Ela também conta com a estetização da vida do autor, pois descreve a sua morte na literatura antes que ela ocorresse na vida real, tornando sua morte parte da obra.

Ainda que não pretendesse justificar suas escolhas, o autor detalha todos os acontecimentos e pensamentos que o levaram a chegar naquele estado. A concretização de seu suicídio após o envio do manuscrito fez com que sua vida e obra se mesclassem de forma não cronológica. Seu suicídio, algo de fora da obra, passou a fazer parte desta, dando-lhe um significado para além de uma obra de ficção, e além de uma obra autobiográfica. O suicídio de fato ocorreu com o mesmo método descrito na obra, mas ainda não havia acontecido no momento do envio do manuscrito, se tratando de algo que se assemelha a uma previsão.

Outra obra incluída nos seus últimos escritos foi *Haguruma* (Engrenagens), também publicada no ano em que Akutagawa se matou, 1927. Ela é igualmente uma história autobiográfica, mas é uma narrativa linear e conectada, diferente de *A vida de um idiota*, que foi escrita em passagens separadas. A história é um terror psicológico, e foca na experiência do autor com a loucura. Ela não perpassa por toda a sua vida, mas foca em seu momento mais atual.

A história é contada na primeira pessoa, mas o protagonista é referido por outras pessoas no diálogo como “senhor A.”, podendo ser a abreviação para Akutagawa. O título *Engrenagens* se refere às rodas dentadas que ele via como uma espécie de alucinação, o que demonstra seu estado mental já bastante deteriorado.

Enquanto caminhava ali, de repente lembrei da floresta de pinhais. Além disso, também encontrei algo estranho no meu campo de visão. Algo estranho? Havia engrenagens semitransparentes girando incessantemente. Eu já havia tido essa experiência algumas vezes antes. As engrenagens aumentaram de quantidade até elas bloquearem metade da minha visão, mas isso não durou muito. Após uns momentos elas sumiram e deram lugar a uma dor de cabeça. Isso era sempre igual. (AKUTAGAWA, 1968, tradução nossa)

O final da história é abrupto, dando a entender que o autor não tinha mais condições de continuar escrevendo:

Essa foi a experiência mais assustadora da minha vida. Eu não tenho forças para continuar escrevendo. Não tenho palavras para expressar o quão agonizante é viver dentro deste estado de espírito. Não tem ninguém que possa me estrangular gentilmente até a morte enquanto durmo? (AKUTAGAWA, 1968, tradução nossa)

Este final deixa claro a angústia sofrida por Akutagawa ao lidar com a loucura, que acreditava ter sido herança de sua mãe. Através das duas obras, é possível notar a influência que as angústias de sua vida tiveram sobre seu suicídio. O caso de Akutagawa foi parecido com o de Dazai, pois mostra sua aproximação do suicídio com um caráter de autodestruição, como um alívio para uma vida que considerava insuportável.

Akutagawa representou o suicídio de uma forma mais moderna, que reflete a influência da modernização do Japão na alienação da sociedade. Ele também possuía laços familiares prejudicados, pois foi criado por seus tios, o que contribuiu para o enfraquecimento de seus vínculos sociais. Conseqüentemente, o suicídio retratado em suas obras se aproxima do suicídio egoísta nas categorias de Durkheim (2000), o que é reflexo das profundas modificações ocorridas na sociedade japonesa no período do Japão Imperial.

5 YUKIO MISHIMA (1925-1970)

5.1 Sobre o autor

Yukio Mishima era o pseudônimo usado por Kimitake Hiraoka, um escritor muito famoso que, além de seus romances, também escreveu muitas peças de teatro. Teve repercussão ainda maior no cenário pós-guerra, após o ano de 1945. Foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura três vezes, mas não ganhou em nenhuma delas. Ainda assim, é um dos autores japoneses com maior número de obras traduzidas no Brasil.

Ele nasceu em Tóquio, capital do Japão, em 1925, no final do período Taishō (1912-1926). Seu pai era um funcionário do governo e sua mãe vinha de uma família de pedagogos confucionistas. Mishima foi criado com sua avó paterna desde bem novo, situação que se assemelha aos autores mencionados nos capítulos anteriores, pois todos foram afastados dos pais e criados por parentes.

Seu pai era contra seu desejo de se tornar um escritor, portanto, um dos motivos para o autor ter adotado o pseudônimo de Yukio Mishima foi para que seu pai não tomasse conhecimento de suas publicações. Assim como Osamu Dazai, Mishima também não foi muito incentivado a seguir pela carreira literária, pois esta possuía um valor social questionável para os burocratas.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Mishima foi recrutado pelo exército japonês, mas não pôde participar das linhas de frente por ter uma saúde comprometida. Ele era pequeno e frágil desde criança, e constantemente tinha febres. Sonhava em morrer de forma honrosa e patriótica durante a guerra, mas com isso, seu desejo foi frustrado. Formou-se em direito na Universidade de Tóquio por pressão de seu pai e conseguiu um emprego promissor no Ministério das Finanças, mas não quis seguir carreira nesta área e convenceu seu pai a aceitar sua carreira literária.

Em 1948, Mishima publicou o livro *Confissões de uma Máscara*, romance de caráter autobiográfico que conta em primeira pessoa a história de um protagonista que precisa lidar com a descoberta de suas inclinações homossexuais e de seus desejos sadomasoquistas, com o período de Segunda Guerra Mundial como cenário para muitos de seus dramas e devaneios.

O Japão já tinha passado por um intenso processo de modernização após a Restauração Meiji, e com a derrota na Segunda Guerra Mundial, em 1945, a ocupação americana no território japonês aumentou ainda mais sua influência sobre o país. Mishima escreveu sua literatura usando como base esse confronto entre a tradição e a novidade. Desde novo, ele sempre admirou a figura dos samurais e sonhava em ter uma morte honrosa tradicionalmente japonesa.

Após a publicação de *Confissões de uma Máscara*, suas obras continuaram com um forte teor introspectivo, detalhando precisamente o estado de espírito e as experiências do protagonista. Esta foi uma característica marcante do naturalismo japonês, que tinha tons de confissões ou diários, como visto nas obras de Osamu Dazai. No entanto, o teor dessas descrições buscava se afastar de sua imagem de fragilidade demonstrada em sua primeira obra.

Como consequência da ocupação americana em 1954, por imposição dos Estados Unidos, o Japão teve que renunciar à guerra. Sendo assim, era proibido que o país mantivesse um exército, assim como também participar de ações militares fora do país. No entanto, o Japão tinha o direito de manter forças armadas para defesa, às quais chamaram de *Jieitai* (自衛隊, Forças de Autodefesa).

Mishima começou a praticar artes marciais e se alistou neste exército de autodefesa japonês, onde fundou o *Tatenokai* (楯の会, Sociedade do Escudo), em 1969. Ele acreditava que para encarar a morte e alcançar a figura do samurai, era necessário esculpir o corpo, envolvendo-se bastante no treino de seu condicionamento físico.

O *Tatenokai* foi uma milícia de extrema direita, formada com o intuito de proteger os valores tradicionais japoneses, e restaurar a glória do imperador, acabando com a influência ocidental que havia tomado conta do Japão pós-guerra. Em 1970, Mishima e mais quatro membros do *Tatenokai* tomaram controle do quartel general da Força de autodefesa japonesa de Ichigaya, em Tóquio, na tentativa de restituir os poderes ao imperador.

Apesar de não contar com o sucesso dessa missão, ele queria impulsionar os soldados a se organizarem para um golpe de estado. Realizou um discurso patriótico para os soldados do quartel, mas falhou em persuadi-los, sendo até vaiado por eles. Neste momento, Mishima realizou o *seppuku*, com auxílio de Hiroyasu Koga, que era seu amante na época.

No *seppuku*, era comum que um companheiro cortasse a cabeça do samurai suicida após este ter cortado a barriga, para que ele fosse poupado de um maior sofrimento. O *seppuku* de Mishima pode ser considerado um *kanshi* (諫死, morte de dissuasão), suicídio comumente usado pelos samurais para protestarem contra alguma decisão de seus senhores ou autoridades superiores.

Mishima tinha um forte nacionalismo inato, venerando a figura do imperador japonês e sonhando com uma morte honrosa. Além disso, acredita-se que seu suicídio já estava sendo planejado há algum tempo. Ele também era um esteta, e lhe agradavam as noções do belo. Buscava uma bela morte como um ideal estético, valorizando elementos como a arte, a beleza física, a dor e a morte. Também defendia que as formas tradicionais japonesas de fazer arte, que permaneceram intactas ao passar de muitos anos, eram parte do que compunha a estética japonesa.

Sendo assim, o *seppuku* era um ritual que envolvia todos os seus ideais de beleza, desde o corpo esculpido do samurai que o praticava, até a forma tradicionalmente japonesa de se realizar o ritual. Com isso, embora não tenha conseguido morrer de forma patriótica durante a Segunda Guerra Mundial, por causa de suas complicações de saúde, conseguiu assegurar uma morte honrosa e bela, retomando a tradição samurai de cortar a própria barriga.

Neste sentido, a morte de Mishima se diferencia da de Dazai e de Akutagawa. O suicídio dos dois autores anteriormente explicados mostra uma representação da modernização do Japão e das influências ocidentais, validando visões mais individualistas e existenciais, pois ambos sofriam muito com os pesados fardos de suas vidas, e buscavam aliviar as dores de suas existências.

Já o suicídio de Mishima possuiu um viés político e ideológico, utilizando o *kanshi* como uma forma de protesto pela restauração dos poderes ao imperador. Sua estética também foi diferente, pois ele buscava por uma bela morte, retomando a antiga tradição japonesa do *seppuku*, já que ele acreditava que as antigas tradições mantidas intactas ao longo de tantos anos eram um dos principais elementos da estética japonesa.

5.2 A obra: Confissões de uma máscara

Kamen no Kokuhaku (仮面の告白, Confissões de uma máscara) foi uma das obras mais famosas do escritor Yukio Mishima, lançada pela primeira vez em 1948, três anos após o final da Segunda Guerra Mundial. Ela tem tons autobiográficos e conta a história de um protagonista cujo nome quase nunca é mencionado, mas quando é mencionado, é pelo apelido Koo-chan. Este recurso facilita a transposição do personagem com o autor, pois Mishima narra muitas situações vividas por si mesmo neste livro.

A história perpassa toda a vida do protagonista, começando em sua infância, quando descobriu suas inclinações homossexuais e sadomasoquistas, as quais chamou de “mau hábito” ao longo da obra. O protagonista também passou pelo período da Segunda Guerra Mundial, cenário caótico em que a morte estava constantemente escancarada diante dele. Neste período, ele fala um pouco sobre seus ideais suicidas e de como gostaria que fosse a sua morte, inspirado pelo tradicionalismo japonês e a antiga figura do samurai do período Edo.

No entanto, o protagonista da obra, assim como Mishima em sua vida real, não pôde participar das frentes de batalha devido à sua saúde e ao seu corpo frágil. Não podendo morrer de forma honrosa e patriótica, lutando pelo seu país, ele esperava ao menos morrer vítima de ataques aéreos, desejo que também foi frustrado com a sua sobrevivência e com a rendição do Japão ao final da guerra.

O protagonista também relatou ter se apaixonado por uma garota chamada Sonoko, ao mesmo tempo em que se questionava se essa atração que sentia por ela não era somente uma tentativa falha de alcançar alguma normalidade. Se dar conta de que não era capaz de sentir atração sexual alguma por mulheres, nem mesmo por Sonoko, causou uma extrema frustração nele, o que lhe deu a certeza de que ele tinha inclinações homossexuais. Mas, ao mesmo tempo, ele continuava nutrindo sentimentos pela garota, o que evidencia uma constante confusão em relação a sua própria sexualidade, assunto que não era muito debatido na época, e que ele não se abria com amigos e familiares sobre.

Esta obra foi o seu primeiro romance publicado, e o primeiro sucesso na carreira literária de Mishima. Na época em que foi lançada no Japão, a obra foi interpretada como uma falsa autobiografia, fazendo com que a confissão do autor passasse despercebida pelos leitores. No entanto, a riqueza de detalhes com que ele tratava sobre as questões homossexuais e suas crises

existenciais decorrentes destas, em um personagem com uma forte introspecção psicológica, davam uma pista de que ele possuía experiências sobre as vivências narradas.

As tendências homossexuais do herói, que o impedem de sentir desejo pela garota por quem ele acredita estar apaixonado, eram tão incompreensíveis para os críticos que a maioria simplesmente supunha que a intenção do autor era fazer uma paródia, e ainda havia aqueles que atribuíam a impotência do protagonista à desnutrição. [...] Confissões de uma Máscara não foi lido como a confissão de uma paixão culpada. (KEENE, 1998, apud CUNHA e KANASHIRO, p. 1184)

As inclinações sadomasoquistas do protagonista também descrevem a relação que ele tinha com a morte. Ele se sentia muito atraído por imagens sanguinolentas, em que corpos masculinos, muitas vezes nus, eram perfurados, dilacerados, crucificados, etc. A aproximação da morte destes homens em sua imaginação era algo que lhe proporcionava prazer, e ele mesmo ansiava pela própria morte muitas vezes. No entanto, ele também temia a morte, e corria para os abrigos antiaéreos no primeiro sinal de ataque. Sua relação com a morte era estabelecida por essa contradição.

Ele também encarava a vida como um palco, o que justifica o título da obra. Também pode-se questionar, a partir disso, se o suicídio do autor já era algo que ele esboçava desde o princípio, que fizesse parte do desfecho da sua vida como uma obra de arte, com a estetização de sua vida.

Todos dizem que a vida é como um palco. Não acho, porém, que haja muitas pessoas como eu, que, desde o final da infância, tenham tido a consciência de que a vida é, de fato, um palco. Já estava convencido disso, mas a essa certeza misturava-se a ingenuidade de minha pouca experiência. Embora algo em mim suspeitasse de que eu podia estar errado, tinha uma certeza quase absoluta de que todos partiam para a vida daquela maneira. Acreditava com otimismo que, terminada a representação, a cortina se fechava. A ideia de que morreria logo fazia parte dessa crença. Mais tarde, no entanto, esse otimismo, ou melhor, esse devaneio sofreria violenta desilusão. (MISHIMA, 2004, p. 82)

Mishima viveu durante a Segunda Guerra Mundial, e passou pelas duas bombas atômicas lançadas às cidades de Hiroshima e Nagasaki, quando a linha entre a vida e a morte era tênue. Pensar em planejar uma vida no futuro, numa sociedade pós-guerra, era um luxo das pessoas mais despreocupadas. Ele já contava com a sua morte, desde o início.

A princípio, queria morrer nos campos de batalha, com a honra de um guerreiro japonês. Ao ter esse desejo frustrado, ele ainda não contava que iria sobreviver à guerra, mesmo sem participar das linhas de frente. Sua sobrevivência foi uma grande desilusão, quando o Japão se rendeu ao final da Segunda Guerra Mundial e começaram os tempos de paz.

Naquela noite, acomodei-me na casa do subúrbio e, pela primeira vez na vida, pensei com seriedade no suicídio. Enquanto refletia, porém, um grande fastio foi tomando conta de mim, e mudei de ideia, concluindo que seria burlesco suicidar-me. Faltava-

me o gosto inato pela derrota. Além disso, era inconcebível não inscrever meu nome numa das modalidades de morte que vicejavam à minha volta, como uma colheita farta de outono – a morte em decorrência dos ataques aéreos, a morte no cumprimento do dever, a morte na frente de batalha, a morte por atropelamento ou a morte por doença. Um criminoso condenado à morte não se suicida. Fosse qual fosse o ângulo pelo qual considerasse a questão, o momento não combinava com o suicídio. (MISHIMA, 2004, p. 162)

Após sua frustração ao descobrir que não era capaz de sentir desejo sexual por Sonoko, não conseguindo assim atingir a normalidade desejada, o protagonista cogita suicídio pela primeira vez, mas é freado pelo seu ideal de morte. Sua vontade de morrer de forma honrosa foi bem descrita durante a obra, o que fez com que seu suicídio na vida real possa ser considerado uma continuação da história. O romance é descrito como uma prenúncia de sua vida futura no texto das orelhas da edição brasileira do livro (2004), escrito por Silvia Ribeiro, uma vez que Mishima se suicidou através do ritual de *seppuku*, em nome da tradição e do imperador, alcançando sua bela morte.

Durante o período de guerra, o governo estava se utilizando de um discurso patriótico japonês baseado na tradição samurai do passado, e muito romantizada com o passar do tempo. Os jovens estavam sendo incentivados e até mesmo compelidos a buscar novamente pela glória através da morte em combate.

Neste sentido, o posterior suicídio de Mishima representa essa tentativa de retomada da tradição que a sociedade passou na época de guerra. Assim como também representa certa resistência às influências estrangeiras e à modernização do Japão. Mishima sentia uma perda cultural e moral do Japão com as mudanças na sociedade ocasionadas pelas influências estrangeiras. Acreditava que a restituição do poder ao imperador, assim como a retomada da tradição samurai, poderia recuperar o espírito japonês, com toda sua tradicionalidade, considerada bela pelo autor.

Apesar de ter sido recebido com a indiferença dos soldados a seu discurso patriótico no dia de sua morte, o autor não estava sozinho em seus ideais. Suas ideias representavam os grupos políticos conservadores que apoiavam o imperador, que conseguiu não ser responsabilizado pela participação na Segunda Guerra Mundial e permaneceu no poder até sua morte em 1989, marcando o fim da era Shōwa.

A morte de Mishima teve um simbolismo patriótico e honroso. Diferente de Dazai e Akutagawa, que tiveram seus suicídios pautados pela autodestruição e pela modernização, o suicídio de Mishima é pautado pelas antigas características altruístas do suicídio samurai. A prática do *seppuku* não era guiada por interesses individuais, fazia parte do dever social dos

samurais, com motivos relacionados à servidão ao mestre, ao povo, à família e à honra. O interesse coletivo estava acima do individual, valor que é retomado no suicídio de Mishima.

Isso pode ser visto como um fenômeno da transição de valores da sociedade tradicional japonesa para uma modernizada, enquanto enfrentava resistências. Após a Restauração Meiji, a influência ocidental fez com que o Japão se modernizasse economicamente, politicamente, industrialmente, etc. Este fenômeno também teve impacto na literatura japonesa, criando-se o naturalismo japonês, movimento literário do qual Dazai fazia parte. O autor retoma o conceito de shinjū, o duplo suicídio, de uma forma mais realista e descritiva dos sentimentos e estado de espírito dos personagens, ressignificando o shinjū como uma forma de ter coragem para realizar o suicídio, distanciando-o do seu valor romântico antigo.

Akutagawa segue pela mesma linha autodestrutiva de Dazai, retratando o suicídio como um alívio para a vida que considerava insuportável por conta da loucura e das diversas dificuldades enfrentadas pelo autor. Ele reflete o sentimento de alienação da sociedade japonesa após a industrialização, rejeitando a antiga ideia de morte pela honra, e dando espaço a uma forma de suicídio mais moderna.

Mishima surge como uma demonstração de resistência a essa modernização do Japão, retomando em sua literatura e sua vida a tradição japonesa que foi negada com a transição vigente da sociedade. A partir disso, é possível perceber o quão impactante foi a modernização do Japão nas representações de suicídio em sua cultura e na literatura.

6 CONCLUSÃO

É possível notar a forte influência dos valores de dever e de obrigação, referidos como *giri*, ao longo da história da sociedade japonesa. Estes valores estão atrelados aos diversos tipos de suicídio que marcaram esta sociedade, ainda que não fossem o fator predominante em todos eles. Por exemplo, no *shinjū*, a morte de amantes, há um predomínio dos afetos, do *ninjō*, podendo tornar questionável a natureza deste tipo de suicídio. Ainda assim, é possível notar uma predominância do altruísmo na caracterização do suicídio japonês até a época do Japão Imperial.

Analisando as obras de Osamu Dazai e Akutagawa Ryūnosuke, é possível perceber uma tendência à mudança neste cenário. Ambos os autores foram muito influenciados pelos valores ocidentais e frequentemente mencionavam autores europeus em suas histórias, e o quanto suas ideias impactaram em suas vidas. A modernização trazida ao Japão a partir da Restauração Meiji, com a abertura do país à cultura estrangeira, fez com que houvesse mudanças bruscas na forma como a sociedade se organizava. Estas mudanças também podem ser percebidas no campo da literatura.

Osamu Dazai retomou o conceito de *shinjū* sob uma nova perspectiva. Com valores diferentes o impulsionando a cometer o suicídio, e com uma ótica diferente em relação a interpretação do mesmo, sua obra deixa clara a mudança de valores da sociedade da época em comparação com o período em que o *shinjū* foi originalmente incorporado na literatura. Esta forma de suicídio, que antes era vista de forma romântica e dramática, foi descrita em sua obra com muito mais realismo e com seu estilo pessimista e autodestrutivo de escrita.

Apesar de Akutagawa Ryūnosuke ser contra o movimento do *Watakushi Shōsetsu*, que incorporava elementos autobiográficos na narrativa de ficção, por acreditar que esta prática era exibicionista por parte dos escritores, seus últimos escritos tinham toques autobiográficos. Por ter sido escrita próxima ao momento de seu suicídio, e por algumas afirmações do próprio escritor, a obra *A vida de um idiota* é interpretada como uma carta de suicídio. Ele também retrata suas ideias suicidas de forma realista e pessimista.

Através destes dois autores, é possível notar a mudança na representação do suicídio com a modernização do Japão. Algo que antes era mais romantizado passou a ter toques realistas e características descritas por Durkheim (2000) como típicas do suicídio egoísta, como o afrouxamento das relações sociais, por exemplo.

Mishima então retoma a ideia romântica e altruísta de suicídio em sua obra e vida, resgatando a tradição do *seppuku* dos samurais. O período da Segunda Guerra Mundial fortaleceu a ideia de patriotismo, fazendo com que as tradições antigas do Japão fossem revividas. A morte na guerra voltou a ser considerada gloriosa, e em sua obra, Mishima afirma o seu sonho de ter uma morte significativa, ao invés de um suicídio ocasionado por suas tristezas e frustrações.

É possível então concluir que o suicídio no Japão foi representado de diferentes formas de acordo com a etapa de transição cultural em que a sociedade estava inserida. Em um momento, uma sociedade mais tradicional e voltada para o coletivo pautava suicídios predominantemente altruístas. Em outro momento, a influência da cultura ocidental e a modernização do Japão deu espaço para um suicídio mais egoísta, com maior individualismo e ideias menos românticas. E, enfim, com a Segunda Guerra Mundial e a revalorização das tradições japonesas, houve um embate entre estas duas formas de representação do suicídio, pois ambos Dazai e Mishima se mataram no período pós-guerra, e representaram o suicídio de formas muito divergentes, uma mais moderna e autodestrutiva, outra mais tradicional e patriótica.

7 REFERÊNCIAS

AKUTAGAWA, Ryūnosuke. *Essential Akutagawa: Rashomon, Hell Screen, Cogwheels, a Fool's Life and Other Short Fiction*. Tradução de Cid Corman e Susumu Kamaike. Nova Iorque: Marsilio Pub, 1999.

AKUTAGAWA, Ryūnosuke. *Haguruma*. Tóquio: Chikuma Shobō, 1968. Disponível em: https://www.aozora.gr.jp/cards/000879/files/40_15151.html

AKUTAGAWA, Ryūnosuke. *Rashōmon e outros contos*. Tradução de Madalena Hashimoto Cordaro e Junko Ota. São Paulo: Hedra, 2013.

ARAÚJO, Rodrigo Michell. “Morte e literatura na escritura de Yukio Mishima”. Ponta Grossa: Uniletras, v. 35, n. 1, p. 23-35, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/5260>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CANTUÁRIO, Victor André Pinheiro. “A nota final de Akutagawa: a morte pelo suicídio em *A vida de um idiota*”, Maceió: Leitura, v. 1, n. 70, p. 160-172, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11325>. Acesso em: 2 dez. 2022.

CORDARO, Madalena Natsuko Hashimoto. “O pensamento no período Edo (1603-1868)”. *Estudos Japoneses*, n. 18, p. 77-100, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142744>. Acesso em: 1 nov. 2022.

CUNHA, Andrei; KANASHIRO, Victor. “Suicídio e política em tradução: Mishima como um texto brasileiro.” *Letras & Letras*, v. 32, n. 1, p. 244-266, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33036>. Acesso em: 15 dez. 2022.

DAZAI, Osamu. *Declínio de um homem*. Tradução de Ricardo Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: Estudo de Sociologia*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GONÇALVES, Edelson Geraldo. “O dever do sacrifício: uma reflexão sobre as motivações dos pilotos Kamikaze na Segunda Guerra Mundial”. Orientador: SOARES, Geraldo Antonio. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6316>. Acesso em: 1 nov. 2022.

GROOT, Kirsten. “In the Name of Love? Character motivation for love suicide in *Sonezaki Shinjū* and *Shinjū Ten no Amijima*”. Orientador: SMITS, Ivo. 2020. 38 f. Dissertação (Mestrado) – Faculty of Humanities, East Asian Studies, Leiden University, 2019. Disponível em: <https://studenttheses.universiteitleiden.nl/handle/1887/75585>. Acesso em: 1 nov. 2022.

KAWANA, Karen Kazue. “Ficção e realidade na literatura japonesa: o watakushi shōsetsu e o caso de Osamu Dazai”. Revista Criação & Crítica, n. 17, p. 61-74, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i17p61-74>. Acesso em: 17 nov. 2022.

KUSANO, Darcí. *Yukio Mishima: o homem de teatro e de cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LYONS, Phillis I. *The Saga of Dazai Osamu: a critical study with translations*. California: Stanford University Press, 1985.

MISHIMA, Yukio. *Confissões de uma Máscara*. Tradução de Jaqueline Nabeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

O’KANE, Megan Rose. “Geographies of Suicide and the Representation of Self-Sacrifice in Japanese Popular Culture and Media”. 79 f. Monografia (Geografia) – Department of Geography, Queen’s University Belfast, 2016. Disponível em: <https://scgrg.co.uk/wp-content/uploads/2016/09/OKane-Belfast.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

OLIVEIRA, Alana Camoça Gonçalves de. “A morte pela espada: o suicídio ritualístico japonês analisado à luz da teoria de Émile Durkheim”. Estudos de Sociologia, v. 25, n. 48, p. 289-308, julho, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/11943>. Acesso em: 1 nov. 2022.

OLIVEIRA, Ariel Lara de et. al. “Dazai Osamu em tradução”. Porto Alegre: Cadernos de Tradução, n. 41, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/3456>. Acesso em: 17 nov. 2022.

“POR QUE o Japão tem uma taxa de suicídios tão alta?”. BBC News Brasil, São Paulo, 5 de jul. de 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150705_japao_suicidio_rb. Acesso em: 15 de out. de 2022.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. “Lealdade Visceral: As origens do Harakiri no Japão Medieval”. Revista Historiador Especial, n. 01, p. 85-94, julho, 2010. Disponível em: <https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/26>. Acesso em: 1 nov. 2022.